



josh rouse
DRESSED UP LIKE NEBRASKA



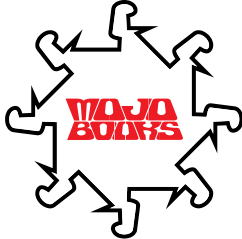
recontado por **MARIANA TRAMONTINA**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

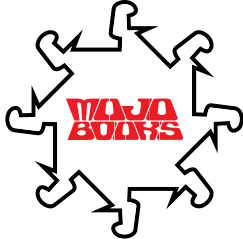
Danilo Corci
organizador



VOLUME 11

DRESSED UP LIKE NEBRASKA
josh rouse

recontado por **MARIANA TRAMONTINA**



VOLUME 11

DRESSED UP LIKE NEBRASKA

josh rouse

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

design gráfico e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Fevereiro de 2007

SUBURBAN SWEETHEART

Considerando que metade (ou será mais?) dos casamentos acaba em divórcio, quanto tempo costuma durar uma típica união? O problema não é matemático: eu realmente gostaria de saber. Aposto em menos de oito anos. Convenhamos, não existe felicidade e amor suficiente que faça um casal projetar para a vida real aquelas irritantes cenas de comercial de margarina. Aquelas em que o casalzinho esbanja beleza e sorri até o limite do possível. É como se fizesse uma reverência à “viva a vida perfeita! Viva a margarina!”. Patético. Ou seria triste? Isso não existe.

É um tipo de felicidade abominável. Cinco anos juntos e os dois indivíduos – então mais “indivíduo” do que nunca – mal conversam. Sequer notam detalhes: os oitocentos gramas arduamente perdidos ao abrir mão do leite com chocolate e da torrada com requeijão pela manhã, o corte de cabelo pesquisado durante semanas nas revistas de moda européia, a lingerie nova que, apesar de comprada na feira do fim de semana, poderia facilmente se passar por uma *Victoria's Secret*. Parece não fazer a menor diferença. É justamente aí que começa outro capítulo da história:



DRESSED UP
LIKE NEBRASKA

assumindo ou disfarçando, um dos dois está mesmo à procura de um participante mais jovem para seu próprio comercial. Melhor ainda se for uma loira de cabelos sedosos, olhos verdes e, claro, mais durinha do que você.

Pronto. Já estou pensando mais uma vez na possibilidade de Ângelo ter me deixado por causa de outra. Cinco anos interrompidos por um fantasma que atormenta meus pensamentos, desde aquela tarde fria de segunda-feira. “Eu só quero ficar sozinho”, ele dizia. “Você é feia, gorda, burra e insuportável”, eu entendia. Pensei em levantar-me do sofá, ali na nossa sala de TV, e destilar o veneno: “tem um inquilino morando dentro de mim e você também é responsável por isso”. Filhos sempre trazem aquela esperança melancólica de serem os salvadores das relações que perecem com o tempo ou, pior, são como o choro sem cor de um amor que deixa de ser desesperado de beleza para se tornar uma lágrima frágil. Desisti da empreitada. Nem poderia ser diferente, afinal aquilo seria uma mentira e eu não queria me transformar numa protagonista de novela mexicana. Ele só queria ficar sozinho, afinal. Porque eu era feia, gorda, burra e insuportável.



DRESSED UP LIKE NEBRASKA

As notícias ruins machucam menos quando você as escuta em boa companhia. Se alguém te empurra de uma janela no sexto andar e você bate num toldo, no capô de um carro e num amontoado de sacos plásticos de lixo antes de se esborrachar na calçada, você tem boas chances de sobreviver. Depois de meses tentando se convencer — o que viria a me esclarecer mais tarde — Ângelo finalmente disse que estava me deixando. E, naquele momento, eu não tinha nenhuma espécie de amortecedor.

Enquanto ele já ensaiava seu *grand finale*, eu ainda sonhava com o depois de amanhã. Como se fôssemos seres simbióticos, me concentrava em quando descansaríamos das nossas voltas pelo mundo, quando o mundo já nem seria mais o mesmo. Imaginava nós dois grisalhos, num momento em que a nossa vida poderia se resumir a uma tranquilidade quase hospitaleira e que talvez pudéssemos, casualmente, andar de mãos dadas e viver um amor senil de carícias leves e beijos sem língua. Ingenuidade nunca foi uma boa qualidade.

E mesmo envolvida em toda uma atmosfera de cumplicidade



DRESSED UP
LIKE NEBRASKA



que fazemos questão de manter – seja pela rotina, pelo carinho ou por amor — a gente sempre sabe, no fundo, quando a coisa está bem ou não. Ninguém é trouxa o bastante de não perceber quando os olhos perdem o brilho, quando o sorriso pouco se ilumina, quando a presença já não é mais imprescindível. O limite da paixão se delimita, se transmuta em carinho e diminuem as admirações práticas. Enxergamos a hora de recuar, reconhecemos nossos pretextos e compreendemos uma espécie de rota de fuga. E, ainda assim, tentamos nos enganar.

Contornar uma situação fadada ao fracasso é desejar seu próprio sofrimento. Às vezes a gente se corta, chora de dor e passa remédio na ferida, tentando amenizar aquela sensação desagradável. Mas não adianta: a coisa continua ali, latente, aguardando apenas uma distração para se manifestar nas mentiras que a gente mesmo inventa. Quem não sabe, afinal, quando fonte seca ou quando ainda há água para nossa sede eterna? Eu já sentia minha sede insaciável. Eu já não matava a fome de Ângelo. Saber que acabou é fácil. O difícil é dizer: “Giovana, não dá mais para ficarmos juntos assim”. Não, não. O mais difícil, mesmo, é escutar que não dá mais.

INVISIBLE

Cinco anos antes dessa tragédia, havia uma cama macia servindo de apoio para o corpo magro de Ângelo. Havia um quarto quente e uma casa nos esperando aos finais de semana. Sempre nos refugiávamos na chácara da Marcela, nossa amiga em comum. Ângelo e eu mal nos víamos durante a semana. Na quinta-feira, eu já estava selecionando meus CDs mais bacanas, escolhendo três peças de roupa e alguma porcaria que pudesse levar para comer.

Destes momentos de convivência surgia um abraço apertado e os bons ouvidos. Com Ângelo ali — e Marcela sempre se fingindo invisível no local — eu esquecia os percalços numa cama que me era conhecida apenas aos sábados e domingos, de quando fugíamos da cidade para inventarmos nosso mundinho naquela chácara pouco distante. Era nosso refúgio de amizade. E numa noite de sexta-feira juntamos nossas tralhas *habitué* no Corsa grená da Marcela e decidimos antecipar nossa fuga.

A TV do quarto estava ligada. Passava um desses filmes de terror que nos faz enxergar demônios até em paredes brancas.



DRESSED UP
LIKE NEBRASKA



Duas *long-necks* de cerveja, guardadas há quase um mês na geladeira da casa, agora repousavam no criado-mudo ao lado da cama de casal. Deitados lado a lado, exercitávamos nosso lado Forrest Gump, recontando episódios passados e desvendando histórias particulares. Era uma noite como tantas outras, dessas que passamos juntos quando se tem um melhor amigo. Mas em algum momento me senti perdida naquele lugar, como se o meu conforto precisasse ser procurado com mais dedicação do que um simples lançar de olhos pelos arredores.

Marcela estava na cozinha preparando uma de suas receitas especiais de brigadeiro. Sozinha com aquele meu amigo de sorriso encantador e olhos grandes emoldurados por cílios arrebitados, senti o ambiente ficar tenso. Ângelo me envolveu no abraço que eu tanto queria – ele, talvez, estivesse pensando que fosse o álcool deslizando pelas minhas veias. O edredon que acompanhava seu corpo serviu de apoio para minha cabeça no seu colo. Acariciou meus cabelos, um emaranhado de fios castanhos e compridos esparramados pelo lençol, e me fez sentir que tudo terminaria bem, seja lá o que fosse. Éramos amigos, afinal de contas.

Quando olhei novamente para os olhos cor de tempestade de Ângelo, escondidos atrás dos óculos de grau, meus músculos

não me obedeceram. Fiquei ali com os joelhos fracos, respirando rápido, sentindo minha pele branca se queimar numa espécie de combustão. Bastou uma olhada e nossas defesas se desmoronaram. Não sei quem se moveu ou quem estendeu a mão primeiro. Mesmo nos últimos segundos, não houve qualquer tipo de malícia. Mas nos abraçamos com força e, no instante seguinte, estávamos nos beijando. Queríamos apenas matar uma curiosidade, como se estivéssemos bebendo água salgada por estar morrendo de sede, sabendo que iríamos morrer no final, mas incapazes de controlar a vontade de tomá-la.



DRESSED UP
LIKE NEBRASKA

LATE NIGHT CONVERSATION

Eu nunca soube definir se a saudade é um sentimento digno. Certa vez me disseram que a saudade é um sentimento bom, que o ruim mesmo é a angústia. E me pergunto, agora, cinco anos depois, se há uma possível distinção da saudade e da angústia. Acredito que não. Ambos nos deixam pálidos, sentindo uma dor seca de incompletude. É uma sensação de manter cacos de vidro nos bolsos de uma calça apertada. Nessas horas, a gente perde o rebolado.

Quando Ângelo me chamou essa semana para conversar na sala de TV, previ que qualquer resquício de bom sentimento estava por chegar ao fim. Tudo conspirava ao sad end: segunda-feira tediosa, céu nublado e uma chuva fina e melancólica, tal qual cena retirada de uma rua de Nebraska. “Giovana, não sei nem como te dizer isso”. Claro que não. A gente nunca sabe dizer algo que a outra pessoa já sabe, justamente porque ela já sabe. Não queremos ser redundantes. E por tentar fazer tudo ser mais simples, nos confundimos e tornamos tudo mais complicado. “Casualidades”, diria minha mãe.



“Olha, Gi” — todos os meus amigos me chamavam assim; Ângelo, não. Para ele, eu era só amor ou meu bem, e hoje já desconfio dessas pessoas que trocam nomes por sentimentos — “nós mudamos muito. Você tinha razão quando disse que não acompanhamos um ao outro”. Claro que eu tinha razão, mas ele esqueceu de mencionar a parte em que eu insisti, durante uma das nossas últimas discussões de relacionamento, que deveríamos nos adaptar a essas mudanças.

Eu nunca levei a sério quando me falavam sobre sentir o coração querendo sair pela boca... até então. As pernas bambearam e senti vontade de ser consumida pelas almofadas daquele sofá que tantas noites nos aconchegou. Segurando uma caneca fervente de capuccino, percebi ali que estava sendo abandonada. Culpei meu cabelo preso de forma desgrenhada, meu moletom largo, minhas meias de motivos infantis, meus óculos de grau. Culpei minha calcinha secando no banheiro, meus cremes no meio das coisas dele, meus hábitos alimentares, minha mania de preliminares. Travei. Mal percebi que minha mão estava se queimando por segurar aquela caneca. E daí?

Pensei, então, no sobrado que havia caído no final da minha rua. Em poucas semanas, as rachaduras germinaram pelas paredes. Abalaram as estruturas e não demorou muito para que a casa





viesses ao chão. É curiosa a idéia de que as pessoas simplesmente fechem os olhos para as evidências de destruições. E sempre acaba assim: num belo dia, a ruína aparece de uma só vez. Nessa hora, parece que o melhor é se fingir de surpreso, esquivando—se do desleixo e da preguiça de não solucionar contratempos que jamais se solucionarão por si só. Negligenciando o conserto dos buracos e comprando mais painéis para suprimir as goteiras.

Só vendo os escombros de perto é que a gente se lembra que a casa cai. E que, antes disso, ela nos mostra suas fraquezas. É mais fácil não nos preocuparmos com isso porque preferimos ter a ilusão da segurança e do conforto a investir na consciência do risco e da possibilidade de perigo. Por isso que, mesmo não querendo aceitar a decisão de Ângelo, eu sabia que também era culpada por aquela situação. Pois muitas vezes deixei de fazer um reparo nas velhas rachaduras. E quantas vezes tranquei as portas para não ouvir o barulho do mundo lá fora? Quantas vezes me entupi de aspirinas? Nossa alvenaria é frágil e nossos alicerces nem sempre agüentam o peso dos nossos dilemas. Agora fico com essa sensação persistente de que todas as casas caem algum dia. Até mesmo aquelas que nunca estremeceram suas bases.

FLAIR

Toda mulher reserva, de fato, essa busca quase incessante de um braço contornando seu ombro numa caminhada, de duas mãos segurando sua cintura e olhos nos olhos. É um tipo de segurança que nos gera contentamento, e então gera uma alegria que se tornará uma nova segurança. Ad eternum. E para sempre ter esse sistema de confiabilidade por perto, a gente enxerga como melhor idéia a possibilidade de juntar, num só lugar, todas as nossas roupas e coleções de discos e livros. Em cinco ou seis meses de romance a gente já (supõe que) consegue definir quem deixamos abrir a nossa porta e se aconchegar em nosso sofá-coração.

Ângelo sempre fora mais reservado. Eu, o inverso. Talvez estivesse aí o equilíbrio da nossa relação. Nunca acreditei em alma gêmea, cara-metade, par perfeito, a tampa da panela. Acho que Ângelo também não. Mas sabíamos, em algum momento, que juntos estávamos bem. Nem tão iguais e, ao mesmo tempo, nem tão diferentes. Mas estávamos bem. E era o suficiente.

Dizem que os opostos se atraem. Mas também dizem a mesma



DRESSED UP
LIKE NEBRASKA



coisa sobre os semelhantes. No fundo, todo mundo se atrai e se acerta de alguma forma. Eu nunca teria olhado diferente para Ângelo caso já não nos conhecêssemos. Ele sequer preenche oito dos trinta itens que compõem minha lista de homem ideal. Talvez nem eu preenchesse a dele. Das minhas caixas de som soavam The Cure, New Order, Depeche Mode, Echo & The Bunnymen. Das dele, Jeff Buckley, Elliott Smith, Radiohead, Sigur Rós. Eu queria dançar. Ele, contemplar. Eu bebia doses de *bourbon* e absinto, enquanto ele se debulhava em *Cabernet Sauvignon*. Eu tinha ânimo saindo pelos poros. Ele, o talento da elegância e discrição. E, diferentes ou não, vivíamos num verdadeiro comercial de margarina, esbanjando beleza e sorrindo até o limite do possível. Tudo conspirava a nosso favor.

THE WHITE TRASH PERIOD OF MY LIFE

Sair da casa dos pais e do conforto daquela liberdade cercada para juntar sua vida com a de outra pessoa não é das tarefas mais fáceis. Por mais que você conheça quem vai dividir o mesmo espaço, é preciso adaptação e abrir mão de alguns pontos que você, até então, julgava indispensável. Nesses momentos, qualquer coisa passa despercebida: a louça na pia da cozinha, a toalha molhada em cima da cama, a tampa da privada aberta, a lata de cerveja no chão da sala, os sapatos jogados no corredor. De que importam esses pequenos detalhes se você agora está vivendo com o amor da sua vida?

Eu queria ser uma amante diferente para Ângelo, daquelas que deixam os homens com vontade de voltar para casa depois de um dia de trabalho pelo simples prazer em estar junto. Há cinco anos, Cameron Crowe ainda não havia constituído a personalidade de sua Claire Colburn. Mas hoje eu sabia que, por mais bobo que isso deva soar, eu queria mesmo era viver com Ângelo algo como o que aconteceria em *Elizabethtown*. Não é tão bizarro assim se inspirar nas mais melosas comédias românticas, levando



DRESSED UP
LIKE NEBRASKA

em consideração que estávamos recém—juntados e tudo, neste momento, é lindo e suave.

Eu poderia escolher qualquer outro filme do gênero, desejar algum daqueles papéis idiotas da Meg Ryan ou da Sandra Bullock, mas não. Eu queria construir mais do que uma história certinha e bonitinha. Eu queria intensidade, queria um brilho eterno. E se meu amigo mais cético no amor era membro de uma das dezenas de comunidades no *Orkut* dedicadas a Claire Colburn, então era nela que eu me inspiraria. Eu só não deveria esquecer que, apesar de os opostos se atraírem, os homens não são todos iguais. Nem todos querem uma Claire Colburn na vida. Às vezes, basta uma *Miss Simpatia*.



A SIMPLE THING

Cinco anos. Esse número não sai da minha cabeça. Não foi desperdício de vida porque vivi momentos únicos. Mas depois que Ângelo decidiu me colocar do lado de fora da vida dele, eu passei o último mês arquitetando compulsivamente métodos para reconquistá-lo. Pensei no que teria feito de errado, no porquê da mudança brusca de atitude, me moldando, me adaptando. Agora que ele me abandonou, ficou um certo vazio. Um não-pensar incômodo. Um pensar sobre por que não pensar. Tudo metafísico demais. Às vezes acredito que essa busca de reconquistá-lo é para abstrair uma busca infundável por mim mesma.

Eu, que sempre ridicularizei o eterno clichê de que somos incompletos sem outra pessoa, acabo encarando tudo isso irônico demais. Aqui estou eu, Giovana, a defensora panfletária de que duas pessoas apaixonadas não se tornam uma só, buscando uma razão para não me jogar do sexto andar do meu prédio porque um homem maravilhoso, perfeito e imbecil não quer mais ficar comigo. E lembrar que, certa vez, pensei em liderar um movimento que fizesse os casais se conformarem com a idéia



DRESSED UP
LIKE NEBRASKA

de que, mesmo juntos, continuam sendo indivíduos isolados que apenas encontraram uma zona de conforto comum, prazerosa em compartilhar. Caso contrário, dá-lhe uma guerra de anulação mútua. Ok, Giovana: aceite seu *game over*. É difícil se dar conta de que você está abatendo suas crenças a tiros.



A WOMAN LOST IN SERIOUS THOUGHT

Antes de nos embrenharmos pelos quartos da chácara de Marcela, Ângelo tinha uma pessoa. Ele me apresentou a Renata no dia da cerimônia de casamento. Ela era baixinha — mais do que eu — magrela e mirradinha. Tinha cabelos encaracolados numa tinta vermelha de quinta categoria e usava aparelho nos dentes, mas estava bonita naquela roupa branca que poderia ser confundida com o bolo da festa. “Minha prometida”, ele disse, com uma expressão de novela requentada. Sorriu um sorriso amargo. Naquele instante, concluí que Renata não era mulher para ele. Ângelo também sabia disso, e mesmo assim parecia conformado em assumir aquela relação. Por que aceitar viver uma vida que não satisfaz? Não havia filhos no caminho nem regras religiosas. A escolha era somente dele. E ele escolheu não ficar sozinho.

Nessa época, nossa amizade de alguns anos atrás estava congelada. Talvez pelos estudos ou pelos compromissos de novas responsabilidades para a vida adulta. Eu corria atrás de oportunidades, mas Ângelo já tinha uma vida formada, ainda que não estivesse satisfeito com ela. Questão de escolha. Nos-



DRESSED UP
LIKE NEBRASKA



sos encontros diários da adolescência ficaram cada vez mais resumidos. Depois do casamento dele, só nos reencontramos novamente um ano e alguns meses depois, na festa de aniversário de um amigo. Ângelo parecia mais velho, mais comedido e com a mesma expressão amarga nos lábios. Seus olhos pareciam pedir ar puro para respirar. E minha paixão secreta por aquele amigo de escola voltava a se manifestar.

Ângelo deve ter percebido porque me propôs um café no fim de semana seguinte. Aceitei. E ele apareceu sozinho. Depois, sugeriu uma cerveja. Depois outra, e mais outra, e mais outra. Dois meses de encontros semanais mais tarde, já tínhamos retomado nossa intimidade juvenil. Ele me olhava e, por vezes, eu esquecia como agir na frente dele. Dissimulava olhando para todos os lados e registrando cada detalhe de onde estivéssemos. Mirava seus olhos, sua barba por fazer, suas mãos grandes e firmes. Tinha medo de colocar tudo a perder — e o tudo era tudo mesmo. Tive medo até perceber que não havia mais como fugir do que já estava dentro de mim.

LAVINIA

A cada reencontro semanal, Ângelo parecia mais à vontade comigo. Isso me satisfazia também. Toda quinta-feira ele aparecia com novas histórias, enquanto saíamos de carro pela cidade procurando algum lugar aconchegante para que pudéssemos conversar. Na verdade, ele estava fugindo da rotina que sua vida com Renata havia se transformado. Porque Renata, nós já sabíamos, não era mulher para ele. Numa dessas constatações, Ângelo talvez tenha pensado que eu pudesse ser a mulher ideal. Eu tinha certeza disso.

Então, às seis e meia da tarde de uma terça-feira, sentados num boteco de luxo disfarçado, Ângelo me contou, em meio a um gole e outro de chope, que estava se separando de Renata. Meu amigo de escola estava deixando a mulher que conheceu durante uma reunião de trabalho. Nada mais cerimonial do que isso. Ainda não sei como o brilho dos meus olhos ao ouvir a notícia não cegou Ângelo, sentado à minha frente.

Tínhamos a cumplicidade a nosso favor. Cansados de correr atrás de uma suposta felicidade utópica, decidimos nos entregar



DRESSED UP
LIKE NEBRASKA

um ao outro, certa noite de sexta-feira, na chácara da Marcela. Porque nós, sim, éramos o par certo. Não o par perfeito, mas o par certo. E quando todas as certezas de que nossas vidas estavam seladas, algo imponderável aconteceu. Ângelo deixou Renata para ficar comigo. E talvez estivesse me deixando agora para ficar com outra pessoa. Afinal, estávamos enganados quanto às nossas crenças e intenções.



REMINISCENT

Hoje faz cinco dias que Ângelo me demitiu do posto de sua namorada. Cinco dias desde aquela segunda-feira em que ele me olhou como se olhasse para um par de sapatos velhos no canto da sala. Não tenho muito em que pensar, a não ser revisitar nossa história através de fotos, emails antigos e mensagens no celular — confesso que o resto da vida pouco me agrada. Encontrei há pouco uma revista que trouxe, sem querer, do consultório dermatológico que acompanhei Ângelo certa vez. Folheando, parei numa matéria sobre competição de motos em trilhas. Um ponto interessante diz que, se você avistar um buraco adiante, deve obrigatoriamente desviar o olhar dele para não cair; senão, é queda em cheio. Uma espécie de ímã para o desastre. Não tenho pendor para aventuras e dispenso passeios de motos, mas começo a crer que temos mesmo uma fascinação pela catástrofe.

Ângelo e eu vimos nosso destino traçado naquela cama, um beijo que terminaria cinco anos depois com um retrogosto amargo na boca. E por olharmos atentamente o buraco, não conseguimos desviar dele. Não percebemos os desvios que nos



DRESSED UP
LIKE NEBRASKA

salvariam. Nós dois sempre fomos grandes amigos: de confidências, de telefonemas, de momentos singelos. Éramos amigos de cinema, de literatura, de música. Quando estávamos juntos, as outras pessoas desapareciam ao nosso redor.

Ângelo e eu conversávamos como se só existíssemos nós dois no mundo. Cantávamos nossa música olhando nos olhos, fixamente, até intimidarmos quem nos observava. Até que um dia nos beijamos longamente naquela cama, numa sexta-feira à noite. E, no silêncio daquele beijo, nós desafinamos, sumimos um no outro. Hoje, Tom Jobim diria que esse desafino causa imensa dor. E a nossa música perdeu todo o sentindo.

PLEASE, PLEASE, PLEASE LET ME GET WHAT I WANT

Já chorei mais nesses cinco dias do que nos últimos cinco anos. Com os altos e baixos que constam no histórico, vejo que acumulei uma pilha de lições e um vazio imenso que não sei como será preenchido. E conheço boa parte desse vácuo, o mesmo que eu sentia antes de ser envolvida pelos braços e lábios de Ângelo. Antes dele, meu coração era como um cais de porto permanentemente aberto à visitasões, esperando alguém lhe servir de navio, fazendo as manobras corretas para atracar, lançar âncoras ao mar e amarras bem firmes, ocupando de vez a vaga.

Bobo que é, o tal do coração sempre se esquece de que a maré sobe e os portos podem ser varridos por furacões. Alguns nem vemos se aproximar, mas outros são facilmente perceptíveis pelas nuvens carregadas, que decidimos acreditar que algum vento vá levá-las para longe. Comodidade tem um preço alto. E agora o vazio é ainda maior, pois por muito tempo Ângelo é que tornou meu cais completo e belo. Agora, restou a devastação.

Dizem que isso vai passar, mas ainda olho em torno e só vejo nuvens negras. O vento está diminuindo, mas nenhum sol à vista.



DRESSED UP
LIKE NEBRASKA

E só Deus sabe que eu posso conseguir o que eu tanto quero — ainda que eu não saiba dizer exatamente o que é. Mas é hora de varrer o cais, ir ao farol e trocar a lâmpada, jogar alguma luz no horizonte. Sempre pode haver algum navio perdido perto da costa. Mesmo que eu nunca tenha certeza se será finalmente a embarcação correta, não quero limo em meu cais.



FIM



DRESSED UP
LIKE NEBRASKA

SOBRE O CANTOR

Natural de Nebraska, nos EUA, Josh Rouse é um dos cantores e compositores mais idolatrados no esquema *underground* do *folk* nos Estados Unidos. Fanático pelos Smiths e pelo The Cure, Rouse escreveu sua primeira canção aos dezoito anos. Seu disco de estréia, *Dressed Up Like Nebraska*, fascinou a crítica, mas que pouco atingiu o público - de fato, o disco é daqueles que você já ouviu falar, porém nunca o escutou.

Apadrinhado por Kurt Wagner, da lendária banda Lambchop, Josh Rouse continuou sua carreira de compositor *pop* com mais cinco deles, sendo *Nashville*, de 2004, o mais forte (um tributo-despedida de seu país). Em 2006, lança *Subtítulo*, fruto de sua experiência na Espanha, país que adotou para morar com sua esposa..

CRÉDITOS ORIGINAIS

DRESSED UP LIKE NEBRASKA - JOSH ROUSE

Design e fotografia por Steven Jurgensmeyer

Lançado em Abril de 1998

Selo: Slow River Records

Produzido por Josh Rouse e David Henry

Para mais informações sobre o cantor, visite:

www.joshrouse.com

SOBRE A AUTORA

Mariana Tramontina é jornalista, pós-graduanda em jornalismo literário e editora-assistente do DMRRevista, o caderno de cultura do jornal *Diário da Manhã*, de Goiânia. Leitora obsessiva-compulsiva, tenta frequentemente escrever romances, mas o que conseguiu até agora foi acumular seis ou sete livros inacabados em arquivos de *Word*. Movidada à música e cinema, seu maior feito foi aprender a criar trilha-sonora para sua vida.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPATILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou “fair use”) concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

11 DRESSED UP LIKE NEBRASKA

JOSH ROUSE

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. SUBURBAN SWEETHEART
2. DRESSED UP LIKE NEBRASKA
3. INVISIBLE
4. LATE NIGHT CONVERSATION
5. FLAIR
6. THE WHITE TRASH PERIOD OF MY LIFE
7. A SIMPLE THING
8. A WOMAN LOST IN SERIOUS PROBLEMS
9. LAVINA
10. REMINISCENT
11. PLEASE, PLEASE, PLEASE LET ME GET WHAT I WANT
(BONUS TRACK)

